
Migrações no Rio Grande do Sul em pauta na literatura e na imprensa

*Migration in RS state highlighted in
literature and in the media*

Marinês Andrea Kunz*
Roswithia Weber**

Resumo: Este artigo visa a analisar como a temática *migrações no Rio Grande do Sul* é representada discursivamente em obras de Charles Kiefer e em textos da imprensa que enfocam as migrações na região do Vale dos Sinos, no contexto dos anos 60 até o fim da década de 80 (séc. XX). Utilizam-se como fontes: jornais locais e regionais e literárias, tais como, as obras: *Quem faz gemer a terra* e *O pêndulo do relógio*, de Charles Kiefer. Nesse sentido, o enfoque metodológico tem como base uma abordagem interdisciplinar entre o campo da história e o da literatura, a qual permite reconhecer como as migrações foram enfocadas.

Palavras-chave: Migrações; imprensa; literatura.

Abstract: This article aims to analyze how migration issue in Rio Grande do Sul state is discursively represented in Charles Kiefer literary works and in writing media which focus on migration in Vale dos Sinos region within the context of the 1960s until the late 1980s. Local and regional newspapers and literature sources are used, such as, Charles Kiefer's works *Quem faz gemer a terra* e *O pêndulo do relógio*. In this sense, the methodological focus is based on an interdisciplinary approach between history and literature fields, which allow us to recognize how migrations were addressed.

Keywords: Migrations; media; literature.

* Graduada em Letras Português/Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Comunicação pela mesma universidade – área de concentração: Semiótica. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – área de concentração: Teoria da Literatura. *E-mail:* marinesak@feevale.br

** Doutora em História. Professora e pesquisadora na Universidade Feevale – Novo Hamburgo – RS. *E-mail:* roswithia@uol.com.br

Introdução

Vários municípios da região do Vale do Rio dos Sinos,¹ que integram a Região Metropolitana de Porto Alegre,² passaram por um processo de expansão industrial nas décadas de 70 e 80, caracterizado pela criação de indústrias do setor coureiro-calçadista. Esse fato foi responsável pelo estabelecimento de fluxos migratórios de várias regiões do estado, especialmente a partir da década de 80. Em São Leopoldo e Novo Hamburgo, contudo, a recepção de migrantes já datava de períodos anteriores. Essa região se caracteriza por ter sido povoada por imigrantes alemães que foram para São Leopoldo, em 1824.

A maior parte desses migrantes provinha da região das Missões, enquanto alguns municípios receberam migrantes de outros estados, especialmente os “catarinas”.³ Ambos os grupos de migrantes, ou seja, os provenientes do interior do Rio Grande do Sul e os de Santa Catarina, vêm atraídos pelo processo de industrialização na região, bem como da mecanização do campo e sua política de tecnificação, cuja produção acompanha projetos específicos de desenvolvimento. (FRAGA, 2002).

Os *forasteiros* são narrados de diferentes formas, de modo que se pode ver o quanto é paradoxal o tema migrações no cenário inserido em um fenômeno que marcou as décadas de 60 e 70 (séc. passado), no contexto do Brasil, sendo que uma de suas características foi o êxodo rural, em um período em que a indústria demandava força de trabalho. (BARCELLOS, 1995).

Nesse sentido, este artigo discute a forma como a temática *migrações na região*, nesse período, é abordada em fontes diferenciadas. Primeiramente, as fontes constituem-se de textos publicados pela imprensa da região e bibliográfica que abordam a região, bem como as que permitem relacionar aspectos teóricos com as análises realizadas. As outras fontes são literárias, ou seja, as obras: *Quem faz gemer a terra* e *O pêndulo do relógio*, de Charles Kiefer,⁴ que abordam a situação de agricultores obrigados a deixar sua terra, sendo, conseqüentemente, levados ao êxodo rural e ao processo migratório.

Dentre as fontes da imprensa jornalística, que se busca fazer uma análise discursiva, incluem-se periódicos diários locais que enfocam os municípios da região do Vale do Rio dos Sinos. Também foram consultados jornais de circulação estadual, tais como *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Os jornais constituíram-se em fonte importante no sentido de terem acompanhado as referências ao processo migratório.

Optou-se, aqui, por analisar também textos literários que apresentam personagens que vivenciam a problemática da migração no período histórico em questão, porque a literatura, por ser uma refiguração do tempo possível, pode também servir de fonte à história. O texto literário, como produto cultural, contribui para a fixação do imaginário cultural, confirmando “o sentido de orientação transhistórica e mítico-simbólica que a caracteriza” (REIS, 2003, p. 93), tendo em vista que faz referência a mitos e tradições folclóricas, cultural e historicamente estabelecidos.

Por apresentar o universo cultural, a literatura constitui-se em um produto e manifestação cultural e artística, retratando o *corpus* social, pois “é expressão da sociedade”. (CANDIDO, 2000, p. 18). Carlos Reis (2003, p. 40) reforça que a possibilidade de se caracterizar o “fenômeno literário de um ponto de vista sociocultural decorre, em primeira instância, de uma concepção da literatura como prática constituída e definida em função de critérios sociais”.

Além de expressar o imaginário cultural, a literatura propõe uma reflexão sobre a estrutura sócio-histórico-cultural em voga, constituindo-se, pois, em uma das formas através das quais a cultura se expõe à análise, ao questionamento e ao registro documental. Nesse sentido, Sandra J. Pesavento questiona:

E no caso, a literatura, como pode deixar de se voltar, também, para o resgate da narrativa histórica que, reconstruindo o passado ou inventando o futuro, persegue a verdade como projeto intelectual, revelando com isto a historicização das formas de uma escritura que busca dar ordem ao mundo? (2000, p. 8).

Assim, como fruto do entendimento ancorado em determinado tempo e, portanto, resultado de uma subjetividade, a literatura também pode ser considerada fonte para a historiografia, como testemunha desse tempo e dessa sociedade.

Este artigo analisa, em um primeiro momento, a representação do processo migratório narrado nos dois romances de Kiefer. Por fim, avalia de que modo as migrações são vistas na imprensa como ameaça aos referenciais identitários da região de colonização alemã.

As migrações representadas nos textos literários

As obras literárias em análise abordam a migração como uma alternativa para algumas personagens, que são agricultores descendentes de alemães na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Charles Kiefer estabelece, como cenário da maioria de suas obras, a cidade fictícia de Pau-d'Arco. Em entrevista à Editora Record,⁵ afirma que essa cidade foi inspirada em *Yoknapatawpha*, de Faulkner, já que, assim como esse, desejava criar uma cidade que fosse só sua e que se desenvolve no mesmo ritmo das “cidades da hinterlândia brasileira”, apresentando os mesmos problemas: êxodo rural, desnível social, violência e perda de identidade cultural.

Em *O pêndulo do relógio*,⁶ publicado em primeira edição em 1984, a personagem principal, Alfredo Müller, um pequeno agricultor, se suicida em razão de dívidas com o banco. A narrativa é densa na medida em que, sob a incidência incômoda do pêndulo do relógio, a depressão do protagonista se assevera e o leva ao suicídio. Desesperado por perder sua terra, uma vez que não consegue pagar a hipoteca do financiamento bancário, decide-se por esse ato definitivo.

Alfredo não suporta a vergonha de ser despojado do que é seu e sofre por deixar sua família em condição que julga indigna. O texto traz, pois, o sofrimento daqueles que foram obrigados a deixar sua vida, sua comunidade, onde nasceram, casaram e pretendiam deitar suas raízes.

Já a obra *Quem faz gerner a terra*, publicada em primeira edição em 1991, narra a história de Mateus, cuja família perdeu suas terras também devido a dívidas e se uniu ao Movimento dos Sem-Terras (MST). Mateus narra a história na prisão, para onde foi depois de ter matado um soldado, durante um enfrentamento dos sem-terras com a Brigada Militar, em pleno centro de Porto Alegre. Essa narrativa foi baseada em um fato empírico presenciado pelo autor, em 1990, no centro da capital gaúcha, em um momento de grande efervescência do MST.

Ao longo da história, Mateus, narrador-protagonista, faz uma referência aos personagens de *O pêndulo do relógio*,⁷ relacionando as obras:

Eu, para chegar na escola, tinha de caminhar seis quilômetros, atravessando as terras do Herman e do Alfredo Müller. Por causa das dívidas que ele tinha no banco, esse Müller se enforcou. Os filhos dele, o Ricardo e o Eduardo, moravam lá no acampamento também. (KIEFER, 1991, p. 59).

Para além do dado numérico e estatístico, ambos os textos recriam os sentimentos e o imaginário dos que sofreram com os processos migratórios e com o êxodo rural, por meio do drama vivenciado pelas personagens. Com uma pitada de coragem, Charles Kiefer toma para si a tarefa de abordar a questão da terra – dos sem-terras, tema um tanto interdito nos anos de publicação da obra.

As obras literárias aqui em análise abordam o drama vivenciado por agricultores, que foram obrigados a deixar a terra em virtude de dívidas bancárias, contraídas com financiamentos para a produção rural. Não são, portanto, obras que apontam para um sentido eufórico do trabalho no campo; ao contrário, revelam o doloroso processo de desenraizamento por que passam as personagens. Desenraizamento cultural e identitário, uma vez que são obrigados a deixar suas comunidades, seu universo cultural, portanto. Em *O pêndulo do relógio*, para o trágico fim – morte por suicídio –; para o enfrentamento de uma situação nova em novo espaço sociocultural, no caso de *Quem faz gemer a terra*.

Nesse sentido, é clara a denúncia da situação de abandono em que vive o homem do campo, abordada em *O pêndulo do relógio*, quando Alfredo, o protagonista, reflete o atendimento médico:

Estremece ante a possibilidade de necessitar recorrer ao FUNRURAL. Aquilo é vergonhoso. Descontam religiosamente a taxa de cada saco entregue na Cooperativa, mas na hora do vivente precisar de médico é tratado como cachorro, sem a menor consideração. (2009, p. 63).

O próprio papel da cooperativa é também questionado quando Alfredo se dá conta do montante de sua dívida, que se tornara impagável. Além disso, considerando-se enganado, não confiava mais na avaliação dos técnicos e pensava em se desligar da associação. Na obra, a cooperativa, a forma como lida com o associado e o banco, é um dos fatores para a falência de muitos agricultores, aos quais, sem condições de calcular o valor da dívida, só resta enfrentar as consequências da situação.

O cenário não é, pois, promissor, evidenciado por situações semelhantes vivenciadas por outros agricultores:

Diversos outros agricultores encontram-se em frente ao escritório da Cooperativa, à espera que a porta se abra. Estão na mesma situação de Alfredo. A certeza de não ser o único endividado enche-o de coragem. Em grupos de dois e três, os homens conversam. Alguns são ruidosos, gesticulam, praquejam. (2009, p. 107).

A obra mostra como a situação do campo se apresentava insustentável, naquele período, para muitos produtores, que se viam obrigados ao processo migratório. O protagonista, após lembrar a vida pacata e sem sustos de outrora, reflete sobre as causas da situação que vive, destacando o desmatamento da região e as políticas do governo:

Agora vê as lavouras. Não há um capão de mato, um taquaral, um potreiro. Todo o espaço é ocupado com a leguminosa. Plante, o governo garante. Plantou. Garantiu? Não entende de política, procura inclusive fugir dela, mas percebe a confusão que reina entre os governantes. Um ministro promete que não haverá aumento dos insumos agrícolas, vem o outro e tenta justificar o aumento dizendo que *o-petróleo-isso-o-petróleo-aquilo*. (2009, p. 104).

Em outro trecho, a representação identitária do grupo ligado à imigração alemã também remete a um contexto de dificuldades em que não é o discurso do sucesso que está presente, mas um cenário em que “as jandaias não cantam”, como se evidencia no seguinte trecho:

A vida de agricultor era sempre o mesmo ramerrão: quando havia produção abundante o preço caía; desestimulados os colonos desfaziam-se dos animais. Pronto: o preço melhorava. Um sobe e desce interminável, difícil de entender. Na Cooperativa falavam em *lei da oferta e da procura*. Não estava interessado em leis e já não dava tanto crédito ao que os técnicos diziam, tinha sido engabelado diversas vezes. (2009, p. 61-62).

A história de Alfredo Müller mostra a situação de agricultores endividados com os financiamentos da safra, castigados com juros e correção monetária impagáveis.

Alzira, a esposa do protagonista, em resposta à sugestão de abandonarem o campo, retruca, destacando a dificuldade de adaptação dos agricultores à vida na cidade:

Na cidade a coisa também não está fácil, homem. Tu vais lá, visita as ruas e praças e acha que é tudo lindo. Mas não é não. O Eduardo e o Ricardo não sabem nenhuma profissão, a Sônia e a Vera iam conseguir só serviço de doméstica. É isso que tu queres pra elas? Queres ver teus meninos vadiando, aprendendo sujeiras? (2009, p. 118).

A esposa já antecipa o papel do migrante no centro urbano, conhecido empiricamente. Sem outra profissão, vê-se obrigado a aceitar empregos mais simples, o que parece não ser um desejo da mãe.

Em *Quem faz gerner a terra*, ao se lembrar da infância, Mateus apresenta elementos culturais do grupo, como a religiosidade, a forma de cultivar a terra e até mesmo o modo de construir:

Não se usava telha, se fazia tudo de madeira. Também não era costume fazer alicerce. A casa era sentada em cima de quatro cepos, onde os barrotes se encaixavam. Ficava um vazio embaixo, que as galinhas e os porcos usavam pra se esconder da chuva. (2006, p. 19-20).

Mateus destaca a mudança ocorrida quando deixaram de lado as culturas típicas do minifúndio e passaram a plantar soja:

Em caso, no começo, se plantava milho, arroz do seco, mandioca, batata-doce, feijão e cana-de-açúcar. Dia que eu mais gostava era dia de fazer melado. Eu levantava com o sol ainda dormindo, botava a junta de bois na canga, enganchava ela na corrente dependurada na roda da moenda e tocava a espremer as canas no moinho. (2006, p. 39)

Para o plantio da soja, derrubaram as árvores nativas e prepararam a terra com trator, o que fez com que ela perdesse força e a safra não fosse boa. Com isso, tiveram que comprar adubo, calcário e semente selecionada,

tudo para ser pago com a safra, que, no entanto, não foi boa em vista da seca. A dívida foi crescendo e não foi mais possível pagá-la, de modo que a família perdeu a terra para o banco.

Sem a propriedade, a família se uniu ao MST. Os filhos: Pedro e Mateus, na última noite, lembrando fatos marcantes, despedem-se do que era seu:

Nunca mais eu ia ver a tapera, nem chupar as bergamotas e as laranjas que lá eram doces por causa da terra gorda do canhadão. No outro dia, assim que saía o sol, a gente pegava o estradão e se ia embora. (2006, p. 43).

A mãe não queria sair da casa, ficou lá dentro chorando. Eu e pai tivemos de arrastar ela. [...] Os bois entraram no estradão e eu senti um coice no peito: nunca mais eu ia fazer o caminho de volta, nunca mais. (2006, p. 58).

A dor pungente do abandono da casa, onde se forjaram os seres que a habitaram, pois, segundo Bachelard (1989), a casa representa o ser interior e os estados da alma. Sem a casa, rompe-se o ser, o interior está desabitado, é o vazio. Mateus expressa sua dor no seguinte trecho:

Lembrei dos dias de chuva, quando não se podia ir pra roça e se ficava na cozinha, tomando chimarrão, comendo pipoca com melado e ouvindo o pai contar as aventura dele, do tempo de guri. Ah! Era bom, era muito bom de se ter um lugar quentinho, uma casa de verdade, um colchão, nem que fosse de palha de milho, pra se dormir! (2006, p. 70-71).

A vida no acampamento inclui problemas de atendimento médico, saneamento básico, estrutura, enfim, nada que se assemelhe à vida em uma casa. Assim, há quem abandone o movimento para iniciar novo processo migratório, agora em direção ao centro urbano e industrializado, em Novo Hamburgo, especificamente, visando a uma vida melhor.⁸ Assim, após o conflito com a Polícia, reivindicando terras, uma das personagens também procura melhores condições nas fábricas de calçados:

Depois da guerra na praça, o Giovani desistiu de esperar a reforma agrária e foi morar em Novo Hamburgo. A Neusa vai visitar eles de vez em quando, o José gosta muito do primo Samuel. Uma vez, o Giovani e a Traudi vieram aqui me visitar, mas não quiseram trazer o meu sobrinho. O meu cunhado me deu esse par de sapatos, ele e a mulher trabalham numa fábrica de calçados, não ganham muito, moram de aluguel numa casinha, mas vivem melhor agora do que lá no acampamento. (2006, p. 137).

O desenraizamento provocado pela migração envolve também os instrumentos do agricultor, como símbolo de seu trabalho e de sua virtude e dignidade, como a foice. Na narrativa, é justamente esse instrumento que é empregado para matar o soldado na Praça da Matriz, revelando o contraditório da situação, o absurdo do problema social, que são a distribuição de terra e as políticas agrárias: “Ele puxou o revólver, mas a foice estava nessa minha mão direita. Era uma foice de cortar açoita-cavalo, cipó, unha-de-gato, feita de mola de caminhão. Eu levei a foice e vi o sol bater nela.” (2006, p. 45).

Percebe-se, assim, que, após o suicídio da personagem Alfredo Müller, a alternativa encontrada pela família foi a mesma que a de Mateus. Os problemas de ambos os levam ao envolvimento com questões da terra que acabam em promessas de assentamento não cumpridas, invasão de propriedades e confronto com a Polícia. Ambas as narrativas apresentam personagens com vidas difíceis, enfrentando problemas com dívidas e tendo fins trágicos, seja através de suicídio, seja através de prisão.

Conforme Oliveira (2002), as principais lideranças do MST, na década de 80 (séc. XX) vieram da região do Alto Uruguai gaúcho. E é com base nessa região, de proveniência do autor Charles Kiefer, que o mesmo narra as situações que levam à migração.

As migrações em pauta na imprensa

No contexto de industrialização do Vale do Rio dos Sinos, surge uma série de notícias por parte da imprensa da região com relação à questão das migrações, quer de modo direto, quer indireto.

Conforme Schneider (2004), dentre os municípios da região do Vale do Rio dos Sinos, Novo Hamburgo se destacou como a cidade que atraiu o maior percentual de migrantes, dado o seu desenvolvimento voltado a

empresas de couro, calçados, acessórios e componentes. Segundo o autor, a utilização de novas técnicas ampliou a demanda de mão de obra nos processos produtivos, a partir da década de 70 do mesmo século, através do uso dos trilhos de transporte de sapatos e das cadeias de montagem.

Um dos temas em pauta na imprensa aponta à alteração do quadro demográfico, o que denotou uma variação na composição étnica da população. Em Novo Hamburgo, essas alterações foram sentidas na década de 60 do séc. passado:

Metamorfose de Novo Hamburgo. Imaginou Novo Hamburgo como sendo uma São Paulo miniatura, porque aqui como lá, tudo é trabalho, dinamismo, ânsia de progresso, um ritmo acelerado de desenvolvimento e aquela vontade firme de vencer nos mais arrojados empreendimentos. Novo Hamburgo estupendamente transformado num centro industrial de uma vasta e futura região, oferecendo ilimitadas possibilidades de maior desenvolvimento. Há mais de trinta anos era comum, vulgar mesmo, ouvir-se falar quase que exclusivamente a língua alemã nas casas de comércio, nas sedes sociais, nos bares, nos cafés, nas reuniões, enfim onde quer que fôssemos ou estivéssemos. Se caminhamos pela avenida central ou freqüentarmos os nossos bares, cafés, cinemas ou outras casas públicas, já não se nota mais aquela predominância da língua alemã, até outra bem diferente que nós outros ainda não entendemos. Encontramos aqui o grego Nathan, o romeno Nicola, o turco ou sírio Ahmud, o polonês Petrowoski, o espanhol Carrasco, o italiano Sefadi, e porque esquecer o velho tronco, o português Isaiás. [...] cada um de seus componentes trazendo para nosso meio os conhecimentos, experiência e cultura de suas terras de origem para enriquecer este Novo Hamburgo. (MOURA, 1963, p. 7).

Essas mudanças no quadro étnico ocorrem no contexto de industrialização da região, cujo espaço da fábrica representa “o lugar de descoberta das outras etnias e das outras culturas”. (ROCHE, 1969, p. 588).

Na “São Paulo em miniatura”, há registros das mudanças que a cidade sofria com relação aos habitantes já na década de 60:

Nascidos em outras comunas. Em toda estatística, levada a efeito em nossa cidade, um fator ressalta aos olhos de qualquer

leigo que a vá verificar. Trata-se do número de pessoas vindas de outros municípios que residem em Novo Hamburgo. Por incrível que pareça o número de forasteiros que aqui residem é bem maior que o número de naturais da terra. O número de hamburguenses é inferior ao número de forasteiros. (*Jornal NH*, 9 dez. 1961, s.p.).

A escolha lexical da notícia revela valores disfóricos em relação aos migrantes, ou seja, são *forasteiros*. O termo é colocado em oposição à população original da cidade, denominada *naturais*, que recebe uma valoração positiva. No texto, também é feita uma avaliação da situação como negativa, já que o número de migrantes supera o de hamburguenses – fato que é percebido por qualquer pessoa. Por fim, a caracterização de “nascidos em outras comunas” é emblemática e diametralmente oposta em relação aos moradores hamburguenses, engendrando uma separação social entre uns e outros.

Por ocasião da passagem do aniversário de 40 anos do município, em 1967, a população de Novo Hamburgo foi assim descrita:

Apesar do afluxo constante de pessoas de diversas origens (hoje não se ouve mais a língua alemã em público), e o fichário eleitoral afirmar que existem mais criaturas de nomes lusos do que de germânicos em Novo Hamburgo, o teuto-brasileiro domina em todos os setores locais, ou em quase todos. (*Jornal Correio do Povo*, 1967, p. 15).

Na sequência dessa informação, depois de destacar uma nominata dos postos ocupados por descendentes de alemães, de modo a demonstrar a visibilidade desse grupo, o noticiário afirma: “Mas o luso também tem bastante presença.” Ambos os grupos são colocados como responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico do município, em detrimento dos outros grupos étnicos. O substantivo *criaturas*, que faz referência aos descendentes lusos, é empregado com sentido pejorativo e, portanto, veicula um ponto de vista negativo acerca desse grupo social. Da mesma forma, a conjunção adversativa *mas* conota uma ideia contrária ao esperado ou até uma concessão.

Sobre a formação étnica e a economia da região, Roche (1969) apresenta dados relativos às décadas de 40 e 50 do referido século e conclui que não se pode falar de uma hegemonia econômica do grupo étnico teuto-brasileiro.

A preocupação com o êxodo das populações da região da fronteira do Rio Grande do Sul, especialmente da região das Missões, em direção às cidades gaúchas ou a outros estados, passa a ser tema abordado pelos jornais da região a partir da década de 60. Uma reportagem realizada, em 1962, pelo jornalista radicado em Novo Hamburgo, Vinícius Bossle, procura indicar as causas desse movimento. Ele tem presente que esses trabalhadores são seduzidos pelo propósito de ingressar no Instituto de Previdência, de poder ter acesso a benefícios sociais. Ao se referir às populações com quem entrou em contato, Bossle relata: “Ali ainda não chegaram os benefícios das leis sociais, do salário-mínimo, da assistência médica e hospitalar e nem escolas para as crianças que se criam em roda dos ranchos.” (BOSSLE, *Jornal Folha da Manhã*, 26 out. 1962).

Os descendentes de alemães são constantemente diferenciados desse migrante em virtude de sua forma de vida. Conforme Bossle, o problema do homem do campo situa-se no fato de não ter “vocação inata para a agricultura”, como   o caso, na visão do jornalista, dos colonos da região. Por isso, esse homem do campo toma como propósito ir   cidade para arranjar um emprego na indústria.

O jornalista não evidencia as dificuldades relacionadas à terra e tampouco aborda a questão da demanda de mão de obra para a indústria calçadista na região do Vale do Rio dos Sinos. Antes, parece evidenciar a constru o do outro, que não é o colono da região (descendente de alemães) como inapto à agricultura. Parece haver, nesse acaso, uma sobreposi o da ideia de colonos da região como aptos e migrantes (e não alemães) como inaptos. A etnicidade da falta de talento se faz presente. Dessa forma, a reportagem parece desconhecer o fato de que muitos dos migrantes, que vão compor a força de trabalho na indústria coureiro-calçadista, são descendentes de imigrantes alemães que enfrentaram dificuldades no campo. (SCHNEIDER, 2004).

O mesmo jornalista, em 1986, ao abordar o tema *industrializa o* dos municípios de Estância Velha, Ivoti e Dois Irmãos, assinala o elemento étnico como responsável: “Muitas vezes, tenho escrito que as pequenas localidades que compunham a Velha Col nia de São Leopoldo criaram, por voca o, quem sabe  tnia e até um talento coletivo, a mais importante região industrial do interior do Brasil.” (BOSSLE, *Jornal de Dois Irmãos*, 1986, p. 5).

Nesse caso, sob o ponto de vista do jornalista, o elemento étnico-cultural germânico é superior aos demais por sua capacidade de trabalho.

Assim, se faz presente o discurso identitário de tipo essencialista. Trabalho e progresso e obediência foram discursos muito presentes na imprensa local:

Da emancipação até nossos dias tudo foi trabalho, tudo esforço, tudo dinamismo, transformando-se o “Hamburguer-berg” de 1824, na “Manchester Gaúcha” de nossos dias. É hoje Novo Hamburgo um centro de trabalho e de cultura, de respeito à ordem, de obediência às leis e de cumprimento de seus deveres cívicos. Existe uma orientação sadia e firme, que dos pais passou aos filhos e netos e forma hoje uma tradição honrosa, intimamente ligada ao desenvolvimento econômico, social, cívico e religioso de nossa coletividade. (BOSSLE, *Jornal de Novo Hamburgo*, 1961, p. 5).

Conforme Seyferth (1990), o *trabalho* consiste num dos símbolos de identificação étnica mais utilizados e que seguem um critério de ordem econômica. A autora afirma: “Nesse caso, o que está por trás da concepção etnocêntrica do ‘alemão’ é a idéia de uma superioridade étnica que se evidenciaria pela ‘capacidade de trabalho’, ou seja, um indivíduo de origem alemã herda uma capacidade de trabalho geneticamente concebida.” (SEYFERTH, 1990, p. 92). Essa concepção é uma forma de o elemento teuto marcar sua diferença com relação a outros grupos, em especial o do *caboclo* brasileiro. (SEYFERTH, 1990). Assim, a recorrência de discursos que remetem ao *trabalho alemão* deve ser enquadrada como estratégia discursiva de afirmação.

Em Dois Irmãos, cidade de porte menor que Novo Hamburgo, localizada na microrregião da Encosta da Serra, o quadro é semelhante. Nos anos 70 (séc. XX), as indústrias calçadistas passaram a exportar seus produtos, e a expansão dessa indústria foi responsável pelo estabelecimento de fluxos migratórios. Justino Vier, memorialista local, refere-se às migrações da seguinte forma: “Refazendo o passado, vejo que os nossos tradicionais habitantes aceitaram e receberam com bons olhos os nossos ‘novos irmãos’, migrantes [...]. E com o convívio harmônico, ajudam a fazer crescer minha cidade.” (1999, p. 21). Vier parece reconhecer a necessidade da presença de migrantes para os desenvolvimentos econômico e industrial da cidade, mas os coloca em oposição aos *tradicionais* habitantes, por meio do emprego do qualificativo *novos*. Fica evidente a forma de ver o outro, o diferente, como uma espécie de mal necessário. A necessidade de demonstração de um convívio

harmônico é recorrente em vários textos, expressando a necessidade de fazer crer na harmonia.

O que é lembrado na passagem do dia 25 de julho, data que marca a chegada dos imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, nos festejos em Dois Irmãos, em 1989, parece não ser mais unicamente os sucessos dos imigrantes alemães e descendentes, como habitualmente é feito na data. (WEBER, 2004). Há espaço para também expressar que a situação mudou, isto é, as dificuldades econômicas dos colonos agricultores são enfocadas. (*Zero Hora*, 1989). Os descontentamentos ante a situação da agricultura e a difícil situação do colono, nesse contexto, são temas recorrentes na imprensa do Município de Dois Irmãos. (*Jornal de dois Irmãos*, 1986, p. 10). Nessa localidade, em 1988, foi criada a “Associação de Migrantes”, no sentido de solucionar questões relativas às demandas relacionadas às dificuldades dos agricultores.

Outra discussão que as migrações geraram foi no sentido de pontuar as mudanças culturais ligadas ao processo de migração, sendo essas dadas como um fator que ameaçava desestruturar as referências identitárias alemãs.

Em 1988, um jornal de circulação regional publicou uma matéria intitulada “Os gaúchos alemães”, em que, basicamente, o que é apresentado compõe um lamento do quanto a região de imigração alemã estava sendo afetada pelas migrações. Para o então prefeito de São Leopoldo, Waldir Schmitd (1988, s.p.), a migração foi o fator “que ajudou a apagar as marcas desta cultura”. O secretário de Turismo de Novo Hamburgo nesse contexto, o jornalista Júlio Bossle,⁹ observou o quadro da *composição étnica* da cidade: “Atualmente 70% das pessoas são ‘pelo-duro’”. (*Zero Hora*, 1988, s. p.). Bossle observa que esse aspecto afeta o turismo, pois a cidade não apresenta um grupo folclórico alemão para fazer apresentações aos estrangeiros do ramo do calçado; a solução para isso seria buscar um grupo na cidade vizinha: Dois Irmãos. O jornalista também associa esse quadro ao aspecto das migrações: “Acho esse esquecimento normal, com a chegada de pessoas de outros costumes”. (1988, s.p.).

A aproximação entre etnicidade alemã e turismo, percebida implicitamente nos escritos de Bossle, faz com que ele se apresente reticente com relação ao crescimento industrial de Dois Irmãos:

Não sei se gosto mais de Dois Irmãos de ontem ou de hoje, mas tenho consciência que um povo não pode fugir a seu destino, e ali na depressão da montanha o progresso marcou seu encontro, e ninguém pode mudar isto. Talvez a comunidade consiga harmonizar indústria e turismo. (*Jornal Dois Irmãos*, 1983, p. 9).

A harmonização entre o turismo e a indústria, essa dada como condição atávica da localidade, é posta em dúvida, pois o autor constatou que as mudanças em Novo Hamburgo estavam ligadas à industrialização, tendo como decorrência as migrações, que, por sua vez, alteraram o quadro cultural. Assim, o que parece ser razoável seria uma conciliação do *ontem com o hoje*, expressando a harmonização entre *turismo e indústria*.

O fato de a cidade ter sido colonizada por imigrantes alemães constituiu-se no mote para Bossle reivindicar as potencialidades turísticas da cidade, não só por características que dizem respeito à geografia, influenciando no próprio caráter da população, como também pelos aspectos culturais. A cidade é marcada por um estilo imutável que se mantém continuamente no decorrer do processo histórico. Essa ideia conserva-se mesmo que (ou até porque) o momento de crescimento industrial passe a apresentar uma diversidade de fenômenos que tornam contraditória a imagem que se quer dar à cidade. Cabe assinalar que as migrações, embora não sejam os únicos elementos, quebram uma ordem pretendida como homogênea na composição étnica da região.

Na década de 80 (séc. findo), o processo de especialização do setor coureiro-calçadista no Vale do Rio dos Sinos fez com que muitas empresas transferissem seus negócios para áreas rurais do interior. (ALONSO, 2001). Schneider (2004) indica, como um dos fatores,¹⁰ que estimulou as unidades produtivas a irem para zonas periurbanas, o fato de as mudanças tecnológicas tayloristas terem ocasionado um número elevado de migrantes cuja infraestrutura urbana não estava capacitada para absorver, o que configurou um espaço urbano de crescimento desordenado.

Assim, em meados da década de 90 (mesmo séc.), alguns municípios (que outrora atraíam grande número de migrantes para atender à demanda do setor coureiro-calçadista) passaram a adotar políticas no sentido de controlar a chegada desses grupos. Tal política é assim descrita por Corso:

Hoje, municípios ainda adotam a política de “controle social”, pondo plantões (olheiros) nas vilas para constatar a existência de contrato de trabalho por parte de quem chega. Quem for encontrado sem contrato é convidado a embarcar em transporte público para voltar à sua cidade de origem ou é encaminhado para a região da Serra ou à Grande Porto Alegre. (2004, p. 47).

Desse modo, o processo de migração dá-se de forma paradoxal: ao mesmo tempo que a miscigenação é vista como um vetor do desenvolvimento da cidade, também é tida como desestruturante da cultura local. No entanto, parece ser ela, mas não como o único elemento, que vai estruturar vários movimentos que permitirão diversas manifestações de germanidade em alguns municípios.

Nesse sentido, podem-se tomar as reflexões de Castells (2001) quando explica que alguns autores refutaram a noção simplista de uma “covariação sistemática entre espaço e cultura” (CASTELLS, 2001, p. 79), acreditando no desaparecimento da comunidade em função dos processos de urbanização. Pode-se pensar que, para o caso em estudo, as mudanças implicadas na urbanização, que têm, por sua vez, como elemento as migrações, não resultaram no desaparecimento da cultura alemã, como refletiram alguns contemporâneos desse processo. Tais mudanças possibilitaram, sim, uma mobilização de grupos que demarcavam sua identidade coletiva em torno de referenciais daquela cultura, permitindo o que se identifica como reavivamento étnico.¹¹

Considerações finais

A representação do processo migratório narrado nos dois romances de Kiefer revela aspectos que não condizem com o discurso triunfante em torno do sucesso econômico ligado aos alemães e a seus descendentes, identificado na produção da imprensa. A análise das obras *O pêndulo do relógio* e *Quem faz gemer a terra* aponta que as narrativas desconstróem alguns aspectos relacionados a uma identidade étnica homogênea, especialmente através do aspecto da representação do sucesso econômico.

Os textos veiculados na imprensa permitem identificar a inquietação diante dos migrantes, demonstrando que o fenômeno da migração aparece como processo problemático. A necessidade de mão de obra para a indústria coureiro-calçadista que tornou a região atrativa, aspecto esse expresso,

inclusive, na produção literária, não é evidenciada nestes textos. Nesse sentido, se configura o incômodo das migrações vistas na imprensa como ameaça aos referenciais identitários da região de colonização alemã.

Assim, se em alguns discursos sobre o fenômeno das migrações são invisibilizadas as dificuldades, as trajetórias distintas dos componentes do grupo, já, na produção literária analisada, vê-se a quebra da coesão, permitindo olhar os processos presentes nas regiões cujo povoamento esteve relacionado à imigração alemã de uma forma mais ampla.

Notas

¹ Abrange a área banhada pelo Rio dos Sinos.

² Ao longo deste estudo, essa região será referenciada. Ela foi criada em 1973, contando, inicialmente, com 14 municípios, dentre os quais já constavam São Leopoldo, Novo Hamburgo e Estância Velha, que são os municípios aqui enfocados. Dois Irmãos e Ivoti passaram a integrar essa região a partir de 1989. Desde 2001, a Região Metropolitana de Porto Alegre abrange 31 municípios. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=298#>>. Acesso em: 4 mar. 2005.

³ Essa referência soa como pejorativa e é recorrente em algumas cidades da região do Vale do Rio dos Sinos, que receberam migrantes da região de Santa Catarina.

⁴ Charles Kiefer é filho de pequenos agricultores e descendente de imigrantes alemães. Nasceu em Três de Maio, município localizado na Região Noroeste do Rio Grande do Sul e colonizado, predominantemente, por descendentes de alemães. A principal atividade econômica do município é a agricultura.

⁵ Disponível em: <http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=63&id_entrevista=35>. Acesso em: 2 dez. 2010.

⁶ Obra que recebeu o “Prêmio Jabuti” em 1985 na categoria contos/crônicas/novelas.

⁷ Em seu *blog*, Kiefer descreve a obra *O pêndulo do relógio* como “talvez o texto

mais seco, mais econômico e mais sofrido, como é a vida dos colonos minifundiários da minha terra natal, onde não cantam as jandaias, que as árvores todas foram derrubadas para o plantio de soja”. Disponível em: <charleskiefer.blogspot.com/2009/10/apresentação-de-o-pendulo-do-relogio-e.html>. Acesso em: 15 dez. 2010.

⁸ A partir de meados da década de 40 (séc. XX), a identidade de Novo Hamburgo passa a ser construída em torno do tema de sua projeção econômica. As imagens produzidas sobre a cidade apresentam-na como a “Manchester brasileira”, “a Manchester rio-grandense” e, posteriormente, “Capital Nacional do Calçado”. (WEBER, 2006).

⁹ Jornalista domiciliado na cidade de Novo Hamburgo. Ocupou, na década de 80, a pasta de Turismo no Município de Novo Hamburgo. Primo, do também jornalista, Vinícius Bossle.

¹⁰ Dentre outros fatores, está o interesse em buscar mão de obra “mais disciplinada e cativa”, fugindo do aumento da sindicalização. (SCNHEIDER, 2004).

¹¹ Esse aparece mais intensamente a partir da implementação do projeto “Rota Romântica”, na década de 90 (séc. XX), que configura um contexto de reavivamento da identidade alemã em alguns municípios do Rio Grande do Sul que integram a rota turística denominada “Rota Romântica”. (WEBER, 2006).

Referências

- ALONSO, José Antonio Fialho. Caracterização econômica da região metropolitana de Porto Alegre nos anos 90. *Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre: FEE, v. 29, n. 1, p. 253-293, jun. 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: M. Fontes, 1989.
- BARCELLOS, Tanya M. de. *Migrações no Sul: caminhos para terras e cidades*. 1995. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – UFRGS, Porto Alegre, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 2.
- CORSO, Giovanni; ZAMBERLAM, Jurandir (Org.). *Percepção do fenômeno migratório em cidades das dioceses do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 2004.
- KIEFER, Charles. *Quem faz gemer a terra*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2006.
- _____. *O pêndulo do relógio e outras histórias de Pau D'Arco*. Barueri – SP: Manole, 2009.
- FIALHO, Marco Antônio Verardi. *Agricultura familiar e as rendas não-agrícolas na região metropolitana de Porto Alegre: um estudo de caso dos municípios de Dois Irmãos e Ivoti-RS*. 2000. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – UFRGS, Porto Alegre, 2000.
- FRAGA, Gerson Wasen. Para ter o futuro da gente: migrações catarinenses para a grande Porto Alegre. *Cadernos do CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina): migrações e organizações sociais*. Chapecó: Argos, ano 16, n. 15, p. 281-309, jun. 2002.
- OLIVEIRA, Walcy Pereira. *O processo decisório de migrar e a identidade sociocultural dos migrantes do Alto Uruguai para Sapiranga no Vale dos Sinos*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- PESAVENTO, Sandra J. *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. In: _____. *Tempo e narrativa*. Campinas – SP: Papyrus, 1997. t. 3.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 1 e 2.
- SCHNEIDER, Sergio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: COSTA, Achyles B. da; PASSOS, Maria Cristina (Org.). *Indústria de calçados no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004. p. 25-49.
- SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. In: CARVALHO, Maria Rosário G. de (Org.). *Identidade étnica: mobilização política e cidadania*. Salvador: Ed. da UFBA; Empresa Gráfica da Bahia, 1989. p. 93-123.
- _____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.
- VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos: passado e presente*. Dois Irmãos: Grafdil Impressos, 1999.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo: 1924/1949*. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2004.

_____. *Mosaico identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica – RS*. 2006. Tese

(Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

ZICMAN, Renée B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.